



O QUE É TUDO

CleaMara Barrada dos Reis (cleamara2009@gmail.com); Ana Lígia Medeiros (analigiabb@gmail.com); Luziana Jordão Lessa (luziana@rb.gov.br)

Palavras-chave: curadoria digital ; cordel ; metodologia

INTRODUÇÃO (*invoquei sabedoria / dos nossos antepassados*)

O Paradoxo do prefácio, em epistemologia, se refere à impossibilidade de chegar àquilo que podemos, de forma intuitiva, denominar “verdade” ou “completeza”. No Paradoxo, o autor se desculpa em todo prefácio pelos erros a serem encontrados na obra, ao invés de corrigi-los. A capacidade informática e telemática trazida pela presente; *Era da Comunicação* dir-se-ia que acrescenta novas dimensões ao problema do alcance da verdade através da completeza. Conforme alertava Giddens (1994), ao voltar-se para a transmissão especializada, dirigida a nichos, o que antes foi saudado e preconizado como era da informação, agora crescentemente desemboca em pós-verdade ou, ressaltamos a exclamação e ironia, em falsas-verdades, exatamente devido à facetagem em lugar do completo.

Assim, voltemo-nos para o problema concreto – que não é menos abrangente por isto – até que grau de completeza deve o curador digital estender a facilidade da malha de busca, organização, guarda e apresentação dentre um determinado acervo e seus múltiplos “proxys” externos, a fim de fornecer a informação total daquele acervo numa determinada dimensão? O que é tudo? Quanta amostragem o representa? Existem critérios objetivos a serem seguidos?

Evidentemente o constringimento da realidade tem sempre a precedência. Restrições de meios, de tempo, e de recursos, que humanos, quer de pendicadura, sequer devem ser tomado como impeditivo pelo curador digital, senão que como desafios e problemas de gestão. No atual interregno, o projeto que originou esta comunicação, Curadoria Digital do Acervo de Cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa, encontra-se numa muito mais longa que prevista fase de levantamento preliminar. Sendo assim, fixando-nos, aqui, no plano inicial, apresentamos um primeiro quadro em que é abordada a questão dos critérios na busca da totalidade, e um segundo quadro contendo uma visão generalizada do projeto. Um quadro final sintetiza a discussão.

O UNIVERSO NUM GRÃO DE AREIA (*/ ou pouco mais se possível*)

Simplemente o bizarro posto à claro na intenção de compilar um panorama completo do que, através de idades e latitudes, se entende como resposta a “O Que é Tudo?” é prova eloqüente, até o pastiche do exagero, de que limites são necessários. Ainda que admitindo implicitamente a noção sócrática da reminiscência – aquela mesma que Platão epitoulo como primária e Jung buscou acomodar no inconsciente coletivo. Se Menão interrogava Sócrates de como seria possível definir algo, uma vez que vez que a própria interrogação revelava o desconhecimento do buscado, podemos com mais razão estender a questão ao todo, à completeza. Sócrates então nos instrui sobre a reminiscência. Noção intuitiva que, no entanto, permite ao escravo de Menão derivar uma formulação geométrica. A nós, da mesma forma, permite derivar a noção intuitiva do limite de busca.

A reminiscência postulada por Sócrates pode ter sua origem na idéia de Anáxoras de que nada surge, logo o que quer que seja surge de algo, logo qualquer coisa contém um pouco das demais, e finalmente, que é desnecessário acumular o todo uma vez que este é revelado em menores elementos disponíveis. Se ali se encontra a predileção grega ao panteísmo a um deus inefável e onisciente, Descartes não teria definido melhor os conceitos de universo e amostra. E obtemos a primeira alça da pinça com que segurar o todo.

Assim municiados, saltemos tanto o ascetismo romano, quanto as minudências do medievo e os exageros renascentistas. Tomemos, por ser mais ao ponto – ao pé da letra – de nossa discussão, a abordagem utilitarista, em que a medida da ação indicada é aquela mais razoável com os meios que se dispõe, a fim de atingir o máximo bem proposto. Aí temos a segunda alça daquela pinça, qual seja, maximizar o resultado possível em vista dos meios reais que temos para alcançá-lo (gestão, recursos, tempo).

No ponto em que estamos confortavelmente munidos de utensílio justificado e simples – mera pinça intuitiva – nos alcança a modernidade. Nela, Walter Benjamin nos anuncia que na época da reproduzibilidade, logo transformada em difusão de massa e mais recentemente em recriação infinita da Gioconda e *emojis*, a intencionalidade da obra única se multiplica na mesma velocidade em que é reproduzida. Nosso tudo cresceu e continua a crescer exponencialmente, de tal modo que precisamos adicional algum mecanismo de precisão à pinça intuitiva.

A matemática e a eletrônica vem socorrer a teoria da informação. Nyquist demonstra que quando a amostragem alcança metade da frequência de um ciclo completo toda a energia contida no pacote pode ser determinada – como imagem, o surfista pode igualmente cavalgar a crista ou o tubo da onda, mas se a furar em seu início sua potência não o afetará. Com Shannon, a noção abrange exatamente o objetivo do curador digital, no âmbito do processamento da informação. A transformação de Fourier da função matemática do teorema de amostragem Nyquist-Shannon pode ser explicada à administração do instituto ou ao conselho acadêmico na forma de tantas classes e ou subclasses de grandezas que a curadoria objetiva tratar. Digamos que uma trama de N classes e subclasses pode dotar a curadoria de M% de acurácia a partir de NxM objetos independentes (por independentes entenda-se desvinculados da trama de classes e subclasses). Uma das partes da pinça ganha unidade de medida.

Para a outra recorramos à lingüística e à semântica, igualmente dentro da formulação matemática. O teorema da completeza de Gödel estabelece a correspondência entre verdade semântica, ou seja significado, ou seja completeza, e probabilidade sintática, ou seja amostragem. Embora Gödel, em boa medida, refute o Programa de Hilbert, segundo o qual um sistema completo – eis que reaparece nosso tudo – ou contem determinada informação ou sua negação, isto ainda é demonstravelmente válido na interseção dos planos da incidência (que podemos adotar como amostragem) e da congruência (que podemos adotar como verossimilhança). Assim, retornamos à administração do instituto ou ao conselho acadêmico para informar-lhes que ainda que nossa amostragem não contenha contra-exemplos daquilo que propõe a curadoria digital, a amostragem de objetos que a afirmem é estatisticamente robusta, portanto culturalmente válida. Com o que a segunda alça da pinça também adquire precisão.

Claro está, que a discussão acima, antes de tudo, é interrogativa, propositiva, invés de definitiva.

APÓS USO DA RAZÃO / A POESIA ABRACEI (*e saí vendendo versos*)

O Cordel, tanto como literatura quanto nas xilogravuras, bem como outros artefatos a ele intimamente associados, se constitui em elemento cultural de grande importância artística, histórica, bem como de continuada influência na cultura brasileira. A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) possui um dos mais ricos acervos brasileiros de Cordel, com constante fluxo de objetos e coleções desde a década de 60. As técnicas de humanidades digitais se prestam a sistematizar o conteúdo deste acervo, distribuído pelas diversas áreas da FCRB. A finalidade deste projeto, assim, se traduz na curadoria digital do acervo de cordel da FCRB.

Desde então a aquisição, certificação, estudo e divulgação desta literatura permaneceu intensamente atuante na FCRB. Tanto assim que, em 2008, foi considerada “referência internacional nos estudos e pesquisas realizadas sobre este gênero literário” e seus folhetos apontados como a “maior coleção pública de cordéis do mundo” (MEMÓRIA DO CORDEL FCRB..., 2008). Atualmente o cordel o tema mais procurado nas interfaces públicas da FCRB

Quadro 1 Levantamento preliminar do acervo de cordel na FCRB

Tipologia	Quantidade
Folheto de cordel	10.373
Livro	245
Artigo de Periódico	110
Livro infante-juvenil	57
Documento especial de arquivo	44
Documento textual de arquivo	34
Folheto	11
Livro Referência	11
Catálogo de exposição	4
Dissertação de mestrado	4
Periódico	3
Capítulo de livro	2
Separata	2
Arquivo	1
Catálogo	1
CD ROM	1
Coleção	1
Tese de Doutorado	1

Fonte – Sophia FCRB
(05/07/2022)

DISCUSSÃO (*não aceito amar por metade / me prenda se quiser por tal maldade*)

O reconhecimento do cordel como patrimônio cultural imaterial brasileiro, em 2018, manifesta a amplitude e multiplicidade de sua penetração na contemporaneidade nacional. Seu inestimável alcance formador e testemunhal não se restringe à época ou região, senão que continua força atuante, permeando o tecido social em diferentes formas de manifestação, como evidência a própria recepção e apropriação daquela linguagem por público amplo. A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) ocupa papel de destaque no resgate desta forma literária e cultural. A FCRB possui um acervo de mais de 10.000 folhetos de cordel, dos quais pelo menos 2.147 são raros (SENA, 2018), bem como elementos correlatos, desde xilogravuras até biografias de autores. Iniciamos recentemente a curadoria digital deste material, a fim de ordená-lo, catalogá-lo e finalmente disponibilizá-lo ao público e estudiosos, na perspectiva das humanidades digitais.

Apresentamos o *compte rendu* quantitativo do material imediatamente catalogável e da parte ainda a ser digitalizada. Enquanto a primeira parte deste trabalho se volta para a metodologia da curadoria digital de um acervo extenso, tirando partido da abrangência das humanidades digitais, na brevidade que este espaço permite, ensaiando possíveis respostas e limites para a questão aparentemente descomplicada de qual deve ser a cobertura de uma busca completa.

Esta questão é de momentosa importância no aprendizado e usabilidade de artefatos de inteligência artificial. Ela é tema aberto e candente, de modo que este trabalho não se propõe a esgotá-la, mas a apresentar uma abordagem ao tema.

Referências Bibliográficas

Giddens A, 1994, *Le conseguenze della modernità*, Bologna, Il Mulino.

SENA, Carolina Carvalho. *A literatura de cordel na Fundação Casa de Rui Barbosa: organizando uma memória dispersa*. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018. 103 f. : il.